

MEU PAI E O XADREZ

Romis Attux – 22/11/2014

No apartamento em que morávamos, havia uma grande mesa de vidro na sala de jantar. Era uma mesa meio etérea, consequência da junção entre apoios metálicos e a transparência de sua superfície. Nessa mesa existe um tabuleiro, e estamos, eu e minha irmã, aprendendo o prelúdio habitual à teoria dos finais em xadrez: o mate de dama e rei contra rei.

Mate simples, dirão os entendidos. Corta-se gradualmente a passagem do solitário rei do oponente enquanto vem acudir o soberano atacante. A dama, com todo o seu poder, não é capaz, sozinha, de consumir o xeque-mate. Pode, sim, afogar o rei inimigo, causando um empate constrangedor.

Éramos crianças, não sei bem de que idade, quando começaram essas lições. Fizemos nossas besteiras (e aprendemos um pouco de árabe com isso), mas acabamos conseguindo aplicar o desejado mate a partir de posições iniciais cuidadosa e maquiavelicamente escolhidas. Vinham os diagramas do que era, então, nossa “bíblia”: o Tratado General de Ajedrez, do mestre argentino Roberto Grau. Para nós, apenas “Livro do Grau”. Consumiram as traças alguns volumes, mas, à época, ainda era possível aprender dele.

Quem nos ensinava era, a meu ver, o mais importante dos enxadristas. Não, não se trata do velho Capablanca, traído por seu coração décadas antes, que tanto insistia na relevância de se começar o estudo do jogo pelos finais, nem de Smyslov, que tão bem os jogava, mas sim de meu pai. Meu pai.

Desde criança, pairavam em seu escritório troféus pitorescos que assinalavam conquistas sobre as 64 casas, inclusive uma que deu ao Mackenzie, sua universidade, a glória de vencer a disputa contra a Escola Politécnica em algum ano da década de 50. Vencera então aquele que, aprendi, era sua nêmesis: Sergio Stefani. Glória ainda maior era a velha planilha assinada pelo genial Bent Larsen, que viria a ser, juntamente com Bobby Fischer, a grande esperança do xadrez ocidental no embate contra a insuperável escola soviética nos anos 60 e 70. Larsen, numa vinda a Mar del Plata, ofereceu uma simultânea no Clube de Xadrez de São Paulo, e meu pai, frequentador inveterado, teve direito a um assento. Essa partida tem algo de mítico – ao menos para mim. Romis Attux (o pai) enfrenta o jovem Larsen com audácia, como se fora ele também um grande mestre que, anos antes, ganhara a medalha de ouro no primeiro tabuleiro (e o título de Grande Mestre) empatando com Mikhail Botvinnik em pleno território soviético. Ao final da partida, os nervos (sempre eles) fizeram a diferença: tornou-se derrota um empate certo. Não se assuste o leitor: bons amadores podem empatar com ou derrotar jogadores muito mais fortes em simultâneas – nesses eventos, evocando um dito usado por Mikhail Tal em outro contexto, um soldado raso pode sonhar com as dignidades de um marechal. Não venceu Prokofiev Capa certa vez? Meu pai não venceu, mas ouviu do dinamarquês Larsen um “*estás jugando muy bien*” que, até hoje, povoa a minha imaginação.

O final de torre e rei contra rei foi mais difícil, uma vez que essa bela peça não é capaz de controlar diagonais. No entanto, também o aprendemos, não sem muitas idas e vindas. Chegou a vez de lutar munidos de dois bispos, final em que parece ser tangível a terrível muralha formada pelo controle simultâneo de duas diagonais adjacentes. Eu e minha irmã reforçamos nosso conhecimento do árabe, pois aplicar o golpe final exige algumas sutilezas no controle do socorro real. Não tenho lembrança de termos aprendido a dar mate com bispo e cavalo. Talvez tenha sido aí o final de nosso curso de xadrez, a gota d’água, já que esse final é complicado e um tanto tedioso.

É significativo que meu pai tenha nos ensinado “do jeito certo” a jogar xadrez. Sempre depositou ele grandes esperanças em nós: queria, com certeza, que nos tornássemos bons jogadores.

Mas, na criança, há um desejo enorme por jogar, “empurrar madeira”, como gostava ele de dizer. E acho que isso acabou arrefecendo nosso interesse. O volume do Grau voltou ao armário, e as traças terminaram seu festim.

Excetuando o fato de, usando as peças para jogos mais primitivos, eu e minha irmã termos destruído boa parte de um belo jogo de peças de cristal que ele possuía, o xadrez sumiu de nossas vidas (e da dele). Ficou apenas a memória daqueles troféus que, junto a uma interminável coleção de volumes da futurâmica espacial de Perry Rhodan, compunham a base da decoração de seu escritório. Havia também sua mesa e seu peso de papel em forma de coruja, mas os rigores da composição me impedem de discorrer sobre esses tópicos.

Em 1995, tomei o rumo de Campinas e não mais voltei a morar em Goiânia. Tive pouco contato com o xadrez na graduação, mas, no doutorado, ali por 2003, algo me atraiu de volta ao jogo. Roubei então de meu pai o único volume do Grau poupado pelas traças – o segundo, que trata do jogo de combinação. Comecei a estudar o volume num tabuleiro barato, desses que se compram em tabacarias, e, até por minha ignorância, via, com perplexidade, desfilar diante de meus olhos os mais dionisíacos aspectos do jogo. Acho que foi Bondarevsky quem comparou a combinação à equivalência massa-energia deduzida por Einstein: a madeira morta vira energia pura e emergem padrões inusitados que culminam na beleza emergente do xeque-mate. Talvez Deus ache as combinações uma simples tautologia, mas, para os mortais, é uma fonte de prazer sem fim.

Passei a compreender um pouquinho melhor o jogo com esses estudos, mas os rigores do final de doutoramento, as demandas do pós-doutoramento e da paternidade e o início da vida profissional me afastaram mais uma vez. Algum tempo depois, renasceu em mim o ímpeto enxadrístico, que, combinado ao ímpeto que experimentava na montagem de uma biblioteca que fosse de meu agrado (quando ganhei um pouco mais, gastei um pouco mais), levaram-me a tentar, mais uma vez, aprendê-lo de maneira minimamente razoável. Já era, então, pesquisador formado, e aplicava em meus estudos solitários um pouco do rigor que aplicava aos estudos com os quais ganhava meu pão. Isso me levou a compreender alguns rudimentos de finais e meio-jogo, e a enxergar um pouco melhor algumas combinações. Podia, então, debruçar-me sobre partidas de mestres – Morphy, Steinitz, Lasker, Alekhine, Botvinnik, Smyslov, Tal, Petrosian, Spassky, Larsen – e, mui esporadicamente, participar de suas maquinações.

Capablanca, e, especialmente, Bobby Fischer, eram casos à parte. Amava-os com ardor, e li tudo o que podia sobre eles. Em ambos me atraía a abordagem pura e cristalina do jogo, o amor pela verdade, por assim dizer. Suas personalidades também eram fator importante. Capablanca era um *bon vivant*, garboso e belo, um mortal a quem era concedido o acesso livre àquilo que, para os demais, era não-computável. Fischer, por sua vez, era um herói trágico, um gênio que pairou muito acima dos demais em seu zênite e depois errou pelos bosques de sua Colono californiana. Seu livro das 60 partidas era, em minha infância, uma relíquia que eu carregava de lá para cá e de cá para lá quando sentia minha fome magra de xadrez, e era delicioso ler os textos providos por Larry Evans. As partidas, bem, as partidas eram então excursões por terras exóticas, em que, constantemente, me distraía e fazia com as brancas os movimentos das pretas e vice-versa. De qualquer forma, chegava-se a um resultado bonito, e isso me deixava fascinado. Os comentários de Fischer eram ainda mais herméticos que as partidas, com exceção de alguns momentos de um humor que denotava um “jeitão” de escrever meio simples e totalmente sincero. Diante de meus olhos leigos desfilavam pérolas como o ataque contra Jim Sherwin, a famosa incursão contra o fianchetto de Larsen, as quatro damas passeando diante dele e de Petrosian, a angústia da sequência de derrotas para Tal, a vitória “van Goghiana” contra Smyslov, o mal contido sentimento de humilhação de perder um gambito do rei para Spassky, os peões de Szabó, o uso da defesa siciliana Najdorf contra o próprio Najdorf, o duelo com Stein...como dizer algo sobre esse livro? Os próprios russos (Kasparov entre eles) o sugaram da forma como puderam.

Por essa época, começou a ter lugar um fenômeno interessante. Quando meu pai me visitava, ou quando eu ia a Goiânia, começamos a cultivar o hábito de estudar partidas juntos. Encantava-me vê-lo bater o olho numa posição, e, muitas vezes, com movimentos fortes, avançar um peão

ou plantar um cavalo, dizendo ser esse o lance correto – em geral, era mesmo. Quando não sabíamos o rumo a tomar, pensávamos, pensávamos e pensávamos – se nada saía disso, recorriamos a algum comentário ou passávamos para a frente, na esperança de decodificar a posteriori as intenções que nos ficaram ocultas. Gostávamos de conversar, mas, talvez por nossos jeitos, sempre chegávamos a algum ponto de falta de inspiração, e aí o xadrez vinha nos ajudar a manter vivo o contato, a cumplicidade. Fazíamos um café ou um daqueles cappuccinos solúveis e nos debruçávamos sobre o tabuleiro. Quando nos cansávamos, se ainda nos restasse um mínimo de disposição, víamos algum filme, Kurosawa por vezes.

Em 2007, num e-mail que chega a ser engraçado de tão corriqueiro, meu pai anunciou que estava com câncer no esôfago. Fez a operação, mudou para São Paulo para a casa de minha irmã, e passamos a nos ver com mais frequência. Passamos também a estudar com mais frequência. Ele gostava de ver os jogos dos mestres de Steinitz ou Lasker para a frente – desdenhava as partidas de antes, pois dizia serem os oponentes de Anderssen e Morphy muito fracos. Não costumávamos ir além de Fischer, pois ele não vivenciou a era do embate ferrenho entre Karpov, Korchnoi e Kasparov. Nesse intervalo tínhamos um mundo de possibilidades – ele gostava muito de ver partidas dos anos 50 e 60, e nos deliciávamos com o desfile de gênios e temperamentos. Eu me deliciava por estar com ele, participando, em alguma medida, daquele mundo interior que lhe fora tão caro. Por vezes, quando eu via um lance razoável, ele concordava, e isso me trazia uma felicidade imensa.

Com a degradação de seu estado físico, seu interesse em “*small talk*” e sua disposição física também pareciam diminuir, mas nossos banquetes enxadrísticos continuavam a pleno vapor. Certa vez, levei para o Hospital do Câncer um tabuleiro e perguntei a ele qual mestre ele queria analisar. A resposta veio rápida, num tom de voz fraco que ainda está em minha mente: “Fischer!”. Estudamos então a partida em que ele, ainda menino, derrotara Donald Byrne, mestre experimentado e forte – alguns dizem ser essa a maior partida do século XX. Ele, acamado e fraco, dava exclamações de satisfação ao ver a linda combinação urdida pelo pequeno Bobby como se fosse a coisa mais natural e óbvia do mundo. O tabuleiro ficava apoiado sobre suas pernas, e eu me debruçava sobre ele – difícil expressar a sensação de proximidade que isso me proporcionava.

A doença progrediu, e passei com ele no hospital seus últimos dias. No primeiro dia, ele se despediu, de maneira comovente, de mim e de minha irmã. Foi então progressivamente mergulhando num estado de torpor, do qual não retornaria. Num certo momento, com voz pastosa, ele indagou se havia algo que eu gostaria de perguntar a ele. Não me ocorreu nada, tudo parecia bem resolvido em minha cabeça. A única coisa em que pensei foi perguntar a ele como ele se lembrava de Bent Larsen naquela simultânea de 1958. Até hoje fico perplexo por ter perguntado isso, mas foi exatamente o que fiz. Ele ficou olhando para mim com um olhar perdido, e não disse nada. Talvez não tenha nem mesmo entendido minha intenção, pois já interagira muito pouco com o mundo a seu redor. Um pouco depois, ele bateu no colchão, indicando que queria que eu fosse até lá. Acariciou meu rosto e me olhou de uma forma que não consigo descrever. Depois se deitou de novo. Tomou com dificuldade um cappuccino gelado, ou algo do gênero, e dormiu. Não voltaria a despertar, e morreu no final da madrugada seguinte.